

O mundo maravilhoso das crianças

I. VAMOS CONTAR HISTÓRIAS

JAMES DANIEL



Os livros são o tapete mágico da imaginação

«**Q**UER ler uma história para nós?» Meus netos, Liza e Little Jake, de mãos dadas, chegaram junto da minha poltrona, cada um deles segurando um livro na mão.

Eu ia dizer «Leio um bocadinho para vocês depois do telejornal», quando me lembrei de uma conversa ouvida por acaso na noite anterior. Quando a avó estava pondo as crianças na cama para dormir, ouvi Little Jake dizer alto, embora tentasse murmurar: «Vovô é legal. Dá presentes à gente, mas não presta atenção no que a gente diz.»

Desta vez, prestei atenção. Desliguei a televisão, puxei os dois para o meu colo e li, um de cada vez, os seus livros. Quando as cabeças começaram a pesar de sono, levei os dois para cima e, a pedido deles, deitei-me a seu lado, para contar uma história. Procurando na memória, lembrei-me de uma vez ter narrado «A Menina e os Três Ursinhos» para a mãe deles. Quando achei que estavam adormecidos, levantei-me devagarinho. Assim que me dirigi, na ponta dos pés, para a porta, ouvi um dueto sonolento: «Boa noite, vovô. Gostamos muito de você».

«LAND OF ENCHANTMENT», DE NORMAN ROCKWELL, © 1934 DE CURTIS PUB. CO., CORTESIA DE «THE SATURDAY EVENING POST» E DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE NEW ROCHELLE, NOVA YORK



PINTURA DE NORMAN ROCKWELL

Ler para as crianças é uma das maiores alegrias da vida. Não só estreita os laços de família entre pais e filhos, mas une também todas as gerações. De novo sentado em minha cadeira, relembro minha mulher ainda jovem lendo para nossa filha desde o tempo em que ela começou a sentar sozinha. À medida que nossa família foi crescendo, a hora da leitura trazia-nos uma intimidade agradável no fim do dia, tornando a escuridão no alto da escada quase convidativa.

A casa onde me criei não era imponente, mas estava bem fornida de livros. Uma visita à biblio-

teca era quase mais excitante que ir ao sorveteiro. Em ocasiões especiais, o melhor presente era um livro. Minha infância foi também uma época de ouro da leitura em voz alta na escola. Nossos professores não só nos faziam ler alto, mas às vezes interrompiam os deveres escolares diários, a fim de lerem para nós, por puro prazer.

Segundo pesquisas, o período crítico para o desenvolvimento da linguagem é entre os três e os cinco anos e meio. As crianças para quem se lê nesse período têm maiores probabilidades de lerem corretamente na escola – de serem

bem sucedidas em todas as 'matérias'. A correlação é a maior encontrada até agora entre a influência da família e o sucesso na escola. A razão é simples: a criança para quem se lê passa a dominar bom vocabulário, e ganha o sentido da gramática e da estrutura da frase. Então, sua vivência da língua é bem maior.

Os adultos de hoje preocupam-se com o fato de estarem as crianças assistindo demais à televisão. A nova geração de pais procura cada vez mais passatempos ativos para contrabalançar a atitude passiva em relação à televisão. Para um número cada vez maior, a melhor solução é fazer reviver o velho costume de adultos e crianças lerem alto uns para os outros.

Escolha para a leitura um momento feliz e tranqüilo do dia. Em muitos lares, a melhor hora é antes de irem as crianças para cama; mas qualquer hora serve.

Antes de começar, faça uma leitura geral do texto, como faria um ator. Salte ou resuma os trechos menos interessantes. Não se preocupe se achar que está sendo demasiado teatral. Represente os personagens. Tire o máximo proveito do *suspense* e, quando obtiver uma gargalhada, tente, se puder, que outra venha a seguir.

Se fizer isto todos os dias, mesmo que seja só durante alguns minutos, os benefícios serão incontáveis. Você criará um elo permanente de prazer compartilhado e de compreensão entre as gerações. Terá, também, aberto a porta para o mundo da aventura e do saber, uma porta que a criança poderá atravessar sempre que quiser, para ir a qualquer parte do mundo e fazer tudo o que desejar. É, na verdade, uma fortuna mais valiosa do que qualquer soma de dinheiro que você possa deixar para ela.

Os contos de fadas dão às crianças uma noção inestimável sobre o bem e o mal

II. AS HISTÓRIAS DE FADAS TÊM ALGO MAIS

Entrevista com BRUNO BETTELHEIM

NANCY FABER

P. Professor Bettelheim, por que são importantes os contos de fadas?

R. As crianças têm fantasias ricas, algumas das quais contêm

medos e ansiedades. Por vezes, a criança é submersa por eles e não vê saída para a situação que imaginou. Os contos de fadas guiam-na a soluções tranqüilizadoras.

Quando o herói ou a heroína passam por alguma das experiências mais terríficas imaginadas, uma criança fica tendo idéia de como lidar construtivamente com seus temores. Qual a criança, por exemplo, que não se tenha sentido, vez por outra, maltratada pelos pais ou por crianças mais velhas – um tema tantas vezes repetido em contos de fadas? Em muitos deles, o herói maltratado vence aqueles que parecem ter um poder maior. Nos contos de fadas, aparecem quase sempre personagens maus que são castigados de forma adequada... e o bem é sempre recompensado.

P. O final feliz é indispensável num conto de fadas infantil?

R. É. Torna a criança confiante no futuro. No fim, o príncipe ou a princesa casam e vivem felizes para sempre; isso é entendido pela criança como o que realmente significa – que o futuro oferece uma realização. Um conto de fadas é apenas um modelo em miniatura da vida feliz que a criança deseja encontrar.

P. É importante que os pais leiam contos de fadas para seus filhos?

R. É, sim. Demonstra que os pais compreendem e aceitam o

conteúdo fantasioso do inconsciente da criança – o que lhe dará esperanças de poder lidar construtivamente com o caos.

P. Os contos de fadas assustam as crianças?

R. Quando o gigante desce pelo pé de feijão para devorar Joãozinho ou quando o lobo engole o Chapeuzinho Vermelho, é assustador, mas, de qualquer modo, a criança teria fantasias desse gênero. Ela certamente terá medo de bruxas, quer lhe contem histórias de bruxas ou não. Que maravilha saber que, na história de *Joãozinho e Maria*, Maria queima a bruxa no mesmo forno em que esta tinha planejado queimá-la!

Seria bom que ninguém tivesse ansiedades irracionais, mas, infelizmente, todos nós as temos, e as criancinhas em particular. Os contos de fadas dizem à criança que não é só ela quem tem ansiedades, quem não precisa ter vergonha de senti-las e que esses pesadelos têm soluções.

P. Por que alguns contos de fadas são tão populares?

R. Bem, tomemos como exemplo o conhecido caso de *Cinderela*. Trata-se do problema universal da rivalidade entre irmãos e da inveja edipiana. As irmãs más e a madrasta invejam Cinderela. Qualquer criança tem receio de que, se tiver êxito, os pais a invejem. O conto dá a entender às crianças que, se os pais ou irmãos as invejarem, são de fato os pais, e não elas, que serão destruídos.

BRUNO BETTELHEIM foi, durante 29 anos, diretor da Orthogenic School, da Universidade de Chicago, freqüentada por crianças com graves distúrbios. É autor do recente livro *The Uses of Enchantment: The Meaning and Importance of Fairy Tales*.

João e o Pé de Feijão, por exemplo. Aqui nesta história, o princípio é simbólico – a vaca fiel, que já não dá leite, significa que a criança terá de ser desmamada e deixar de se apoiar nos pais. João tem a difícil tarefa de subir pelo pé de feijão até o céu e enfrentar o gigante, mas, com coragem e engenhosidade, João acaba por vencer o gigante mau e ganha não só a galinha dos ovos de ouro como também a harpa mágica, que representa a beleza, a arte e a música – os valores importantes da vida.

P. Os contos de fadas influenciaram de alguma maneira sua vida?

R. Sim, influenciaram. Minha mãe me contava histórias, e eu também as lia. Mesmo quando me encontrava nos campos de concentração dos nazistas, a mensagem fundamental dos contos de fadas não me abandonou: a convicção de que, pela vida afora, ocorrem acontecimentos horríveis, mas, se você conseguir manter seus valores, poderá sobreviver e se tornará melhor por causa deles.

SOCHI, a popular estação de veraneio soviética, no Mar Negro, intitula-se a primeira cidade do mundo onde «é proibido fumar». Legislação recente proíbe fumar em restaurantes, teatros, transportes públicos, escolas, hospitais e mesmo nas praias. O prefeito da cidade, Vyacheslav Voronkov, explica: «Queremos tornar o fumo tão raro na nossa cidade como o passear de pijama pela avenida principal.»

Os soviéticos são tidos como dos mais inveterados fumantes do mundo. Existem, na União Soviética, cerca de 300 marcas de cigarros, sendo vendidos por ano aproximadamente 400 bilhões de unidades.

– John Miller, em *The Daily Telegraph*, Londres

HA QUATRO ANOS, o complexo industrial japonês Mitsubishi acrescentou mais uma atividade social à sua lista sempre crescente: casamentos. Foi criado o Clube Familiar Diamante – um serviço de informações para os empregados da Mitsubishi que pretendem casar. Os presidentes das 28 companhias que constituem o grupo Mitsubishi concordaram em permitir pedidos de pessoas estranhas às empresas.

O Clube Diamante conta com 16 mil nomes em sua lista, e utiliza computadores para apresentar os pretendentes uns aos outros. Os entendimentos posteriores são orientados por «conselheiras» – normalmente, as esposas de diretores ou de funcionários superiores da Mitsubishi. Para fazer parte da lista é preciso pagar uma taxa de inscrição de valor equivalente a 70 dólares. Se a apresentação acabar em casamento, o casal terá de pagar ao clube 350 dólares. Cerca de 220 casais já foram ao altar através dessa organização.

– P. S.